



APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ RELIGIÃO E VIOLÊNCIA

Karol dos Santos*

Mara Bontempo Reis**

O nosso cotidiano é afetado diariamente por situações de violência em diferentes formas e contextos. Os homicídios, feminicídios, guerras, genocídios e massacres são muitas vezes normalizados e naturalizados com a contribuição, inclusive, de grupos religiosos com seus discursos proselitistas e exclusivistas. As religiões, ainda que se intitulem como agentes da paz, promovem, praticam e sofrem com a violência, produzindo uma contradição relevante tendo em vista que os grupos religiosos que exercem a violência atribuem tais atos à vontade de Deus e implementa o uso político da dimensão religiosa (CUNHA, 2019).

Trazer o tema Religião e Violência é analisar todo percurso histórico e enxergar o entrelace entre os dois conceitos; não que sejam sinônimos, porém, na atualidade esses dois caminham lado a lado. A violência se apresenta no contexto religioso através de discursos, atitudes e até nos textos. Assim cabe a nós, pesquisadores, desenvolver o raciocínio e a crítica dentro de todo contexto religioso seja este de criação ou na interpretação. O dossiê Religião e Violência, portanto, se apresenta como uma forma de diálogo e de expor ideias; afinal, os discursos religiosos são permeados pelo poder que normatiza a violência que se reflete nas ações dos fiéis.

Se pensar religião e violência caminhando juntas por vezes pode nos assustar, historicamente tal associação é inevitável. A violência esteve presente nas guerras que

* Graduada em Ciências Sociais pela UFJF. Especialização em Ciência da Religião UFJF. Mestra em Ciência da Religião pela UFJF na área de Tradições Religiosas e Perspectivas de Diálogo, com foco nos estudos sobre o islã e o conceito de jihad. Atualmente é doutoranda no programa de Pós-graduação em Ciência da Religião na UFJF.

**Mestra em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Graduada em Ciência da Religião pela UFJF. Especialista em Educação de Jovens e Adultos pelo IFT – Campus Rio Pomba. Licenciada em Educação Física pela Faculdade Metodista Granbery. Membro do Núcleo de Estudos do Catolicismo (NEC/PPCIR/UFJF). Membro do Grupo de Pesquisa em Religião e Espaço Público: poder, organização, mídia, estilos de vida, sacro-profano (GEROS/UFJF). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9973733136460089>. e-mail: marabomtempo@yahoo.com.br



apresentaram a religião com pano de fundo tal como as Cruzadas, o período da inquisição a famosa “caça as bruxas”, no colonialismo exercido pelos europeus na África e América Latina. No contexto atual, temos os conflitos promovidos através da “guerra ao terror” relacionado ao Oriente Médio e também a violência promovida pelos religiosos para com os LGBTQIA+.

Segundo Cunha (2019), a forma como se lê e interpreta os textos sagrados, muitas vezes de maneira descontextualizada, com narrativas “banhadas de sangue”, contribuem e dão aportes para que grupos políticos e religiosos utilizem como justificativa para atos de violências praticados por eles. Por isso, explica Cunha (2019), “o noticiário está inundado de histórias de assassinatos, guerras e genocídios em nome de Deus”. Muitos desses casos estão diretamente ligados à intolerância religiosa, como por exemplo, no Brasil em que os terreiros de religiões de matriz africana sofrem ataques e seus adeptos são agredidos fisicamente.

Para Passos (2017, p.17) a intolerância tem uma essência, uma causa, que é “o de uma verdade sobre a qual se assenta a doutrina, o preconceito ou a ideologia que rejeita o valor do outro ou o próprio outro”. Trata-se da não aceitação do diferente e da necessidade de manter a sua verdade como única e absoluta. Por conta disso, o intolerante busca aniquilar aquele que pensa de forma distinta e não se encontra dentro dos moldes impostos por ele.

Refletir sobre esses conceitos é pensar sobre os discursos que são produzidos e reproduzidos e que, em outros campos, são também interpretados, digo, na forma de se viver a doutrina. Han (2018) aponta que a dominação, o poder, internalizam a violência e provê mecanismos para aquele que obedece, internalizar as instâncias de dominações exteriores e transformar em algo como parte de si.

A violência provê condições para que as relações de domínio se mantenham. É por isso que se pode visualizar a violência de maneira clara nos períodos de colonização, a respeito de nações da América Latina e África. A herança colonial promoveu uma categoria de pensamento preconceituosa e imperialista que passa longe de uma visão moderna. Tal pensamento promoveu - e promove - uma violência por vezes física, por vezes simbólica contra, por exemplo, os povos e religiosidades de matriz africana e também islâmicas.



É importante ressaltar que o simbólico está incorporado nos discursos diários, inclusive no religioso. Pereira (2008, p.84), com base na teoria de Bourdieu, aponta que a religião “[...] através de seus representantes, utiliza símbolos desta estrutura estruturada que detém os capitais simbólicos *objetivados*, impondo mando àqueles que estão, sob a égide da crença, subjugados às suas condições”, sendo assim um poder legitimado.

Bourdieu (1998) enxerga o poder nas entrelinhas afirmando que se pode perceber o poder simbólico nas culturas, nas artes, nas mídias, nas relações, nas hierarquias e que muitas vezes esses poderes são naturalizados e, por conta disso, conseguem se manter nas estruturas sociais. Para o autor, a violência simbólica deriva do poder simbólico. Qualquer tipo de força, coação e imposição que não envolve questões físicas e sim morais e psicológica é considerada por Bourdieu como uma violência simbólica.

Faz-se necessário salientar que a violência simbólica se desenvolve também em relação à intolerância religiosa, ocorrendo em grupos religiosos diversos como congregações e instituições e isso se dá, conforme Cunha (2019) “[...] com as repressões, os silenciamentos, as demissões, as perseguições a teólogos e teólogas e outras pessoas religiosas que encontram caminhos para romper com o padrão de ‘verdade única e imposta’ e defendem o pluralismo e a liberdade”.

Para Samuel Huntington que aborda sobre o choque de civilizações, trazer para o meio religioso a violência e a sede por dominação faz com que apareçam conflitos culturais e religiosos permanentes. Porém, é necessário acessar os entre-lugares, conceito trabalhado por Homi Bhabha (1998), ou seja, é preciso sair das polaridades. No caso da violência é preciso entender as relações que ali foram estabelecidas e acessar também o “não lugar” ocupada por comunidades que são marginalizadas através dos discursos religiosos.

Tais discursos recriam uma imagem e interpretam um texto, de acordo com seus interesses, para sustentar sua fala imposta e seu discurso violento e excludente em relação às existências e experiências que não estejam em conformidade com o que o poder hegemônico espera. Dessa forma, abordar a religiosidade relacionada a algumas questões se tornam cruciais tais como questões de gênero; uma religião que fala de Deus para todos, mas exclui a periferia; uma religião que exclui formas diferentes de pensar e comunicar. É preciso trazer à tona a maneira como é empregado o discurso religioso.



O discurso pode dar o poder de reforço de identidade, um local de fala e pode impor através do medo. René Girard (1994) aponta que a violência surge devido ao fato de um não poder imitar o outro, ter aquilo que o outro possui. Tal fato se torna uma fonte de violência quando uma nação não permite que a outra tenha os bens materiais e outros fatores que ela possui. Baseado em Girard (1994), pode-se dizer que as religiões buscam a salvação e se intitulam como forma de verdade absoluta. Talvez essa explicação seja uma das razões que permeiam muitos conflitos religiosos.

Sendo assim, as multifacetadas relações entre religião e violência são abordadas pelos textos que compõem esse dossiê. Eles trazem importantes reflexões para o debate do tema. Esperamos que vocês, leitoras e leitores, encontrem nesse dossiê subsídios para uma maior e melhor compreensão acerca de um assunto que é amplo, complexo, necessário e urgente. Desejamos-lhes uma boa leitura.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

CUNHA, Magali do Nascimento. As muitas faces da relação entre religião e violência. **Carta Capital**, São Paulo, SP, 01 mai. 2019. Diálogos da fé. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/as-muitas-faces-da-relacao-entre-religiao-e-violencia/> Acesso em: 10 ago. 2021.

GIRARD, René. **Das Heilige und die Gewalt**. Düsseldorf, 1994.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HUNTINGTON, Samuel. **O choque de civilizações e a recomposição da nova ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

PASSOS, João Décio. **A Intolerância Religiosa – Mecanismos e Antídotos**. Rever: Revista de Estudos da Religião, Ano 17, Nº 3, set/dez 2017.

PEREIRA, J. C. **RELIGIÃO E PODER**: Os símbolos do poder sagrado. CSOnline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Ano 2, Volume 3, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17055>. Acesso em: 19 ago. 2021.